



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7441 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 13 - Educação Fundamental

O NOVEMBRO NEGRO COMO MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA NO COTIDIANO ESCOLAR

Maria Martinha Barbosa Mendonça - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O NOVEMBRO NEGRO COMO MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA NO COTIDIANO ESCOLAR

No Brasil não se sustenta mais o mito da democracia racial. Apesar da diversidade cultural em nossa sociedade, ela não nos exime de ser um país racista. A escola brasileira também reproduz, produz e/ou reforça as relações da sociedade em todos os aspectos, entre eles, as relações étnico-raciais. Contudo, a escola também *é espaço privilegiado para a promoção da igualdade e eliminação de toda forma de discriminação e racismo por possibilitar, em seu espaço, a convivência entre uma diversidade de origens étnicas, culturais e religiosas*. (SANTOS, 2001, p.105). Nesse sentido, a escola é um mar de complexidade e contradições e, apesar do racismo estrutural, que caracteriza a sociedade brasileira, também é corpo vivo pulsando resistências em seu cotidiano.

O trabalho socializa uma pesquisa em andamento que objetiva refletir sobre as relações raciais no Brasil e como esses tensionamentos se apresentam no cotidiano das escolas públicas brasileiras.

Metodologicamente inserida no campo dos estudos dos e com os cotidianos, a pesquisa entende e defende que os processos vivenciados no dia a dia, no interior das escolas, são espaços privilegiados de aprendizagem. Para nós, *é no cotidiano que os sujeitos encarnados lutam, sofrem, são explorados, subalternizados, resistem, usam astúcias para se defender das estratégias dos poderosos, se organizam para sobreviver...* (GARCIA, 2003, p.195)

A experiência trazida, como situação de pesquisa, ocorreu em 2015, na Escola Estadual CIEP 409 - Alaíde de Figueiredo Santos, situada no município de São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro. Convidada, como pedagoga, pela inspetora da escola que é minha amiga, para desenhar o projeto *Novembro Negro*.

Um primeiro diálogo já emerge nessa breve apresentação: destacar a iniciativa da Mari, inspetora da escola, a quem historicamente não é reservado o papel de pensar projetos pedagógicos, como indicativo da complexidade que caracteriza os processos sociais e da potencialidade da escola como espaço de resistência. A não adesão da maioria do corpo docente inviabilizou a primeira etapa do projeto, que previa a inserção da abordagem da História e Cultura afro-brasileira e africana em todas as disciplinas, a fim de atrair o interesse coletivo dos/das estudantes a proposta.

Como nova estratégia, Mari convidou diretamente os professores de História e Geografia e com estes três professores, que não estão todos os dias na escola, levou o projeto adiante. Além disso, procurou as/os estudantes negras e negros do ensino médio e com elas/ eles foram tecendo a autoria do projeto.

As/os estudantes começaram a se organizar a partir da mediação da Mari, através da criação de uma “sala de música”, onde eles/elas tocavam e falavam sobre música, arte, dança etc. As comissões se organizavam de forma autônoma. As tensões e distensões características de movimentos sociais surgiram, também fruto da falta de experiência em exercer a autonomia no espaço escolar e pelas diferenças oriundas das socializações familiares, tanto no campo político, econômico e principalmente religioso.

Apesar dos tensionamentos, as comissões estudantis, formadas por turmas do Ensino Médio, acabaram pressionando a direção/coordenação que autorizou e assinou o projeto, pois, trazia mudanças nas rotinas de alimentação, tempos de permanência, entrada/saída dos/das estudantes das comissões. Pois, o regime disciplinar da escola não permitia entradas fora do horário ou que o estudante se mantivesse no espaço escolar sem que estivesse em horário de aulas de suas turmas.

Diferentes atividades, tendo como base as histórias e as culturas das populações negras no Brasil, foram incorporadas ao currículo no decorrer do ano letivo. O planejamento das atividades ocorreu a partir de rodas de conversas e encontros de pesquisa sobre intelectuais, cientistas, poetas/poetisas, atores/atrizes, artistas e celebridades negras e negros na intenção de construir exposições, intervenções, conversas e afins na escola.

Aconteceram palestras sobre as religiosidades de matriz africana, debates sobre juventude negra, identidade e beleza negra dos quais participaram representantes dos diversos movimentos negros. Os convidados foram de representantes do Sindicato dos Profissionais de Educação do Rio de Janeiro (SEPE), a jornalistas, psicólogas, professores, todos negras e negros, além de produção e reprodução da logomarca *Novembro Negro*. A logomarca consistia em um estêncil de um cabelo Black, com o nome da escola estampado nas camisas dos/as estudantes, substituindo a blusa do uniforme, sendo para isso autorizado pela direção da escola.

A culminância se concretizou no Dia da Beleza Negra no mês de novembro com o propósito de valorizar a identidade negra e sua diversidade. Além do *Desfile da Beleza Negra*, onde meninas e meninos participaram como modelos, com rostos maquiados ou com grafismos de referencial africano, ocorreram: Show de Talentos, Batalha de Rap, e, por último, aconteceu o encerramento com o Baile Black.

Tal experiência confirma a existência no cotidiano escolar de um currículo que se efetiva para além da obrigatoriedade da lei 10.639/03, reafirmando a complexidade do cotidiano em seus múltiplos movimentos de conservação e de transformação. Enquanto podíamos perceber o esquivamento de uma parcela do corpo docente, evidenciando os racismos da sociedade brasileira, outros movimentos, como a ação da inspetora, o envolvimento dos/das estudantes e dos/das professores/as que aderiram a proposta, apontavam para a resistência.

Assim, com o cotidiano aprendíamos que a falta de empatia com um processo que fora gestado coletivamente, e produzira o evento *Novembro Negro*, não paralisava a história. O envolvimento e a euforia dos estudantes naquele dia, revelava a aprendizagem de uma nova lição: um orgulho por “construir uma identidade negra positiva numa sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo. (GOMES, 2012, p.43).

Projetos como o *Novembro Negro* do CIEP 409, evidenciam no espaço escolar a existência de múltiplos olhares sobre os processos de resistência da população negra e a história dos/as africanos/os e afro-brasileiros não contemplada pela historiografia oficial. Escancara também, as ideias de Schucman (2014) ao afirmar que as reações de medo ficam mais claras quando as reivindicações dos movimentos negros tomam lugar na sociedade.

Neste sentido, Schucman nos suscita a reflexão, tendo em vista que: a complexa trama da experiência na comunidade escolar do CIEP 409 reflete bem os tensionamentos das relações etnicorraciais na sociedade brasileira e evidencia como *o cotidiano é um tecido de maneiras de ser e estar, em vez de ser um conjunto de efeitos secundários de “causas estruturais”*. (PAIS, 2003, p.30). Projetos como o *Novembro Negro* confirmam que os processos de resistência estão presentes no espaço escolar e podem ser mobilizados a cada momento por ações militantes, partam elas de professores/as, funcionários/as, estudantes ou comunidade.

Palavras Chaves: Novembro Negro. Relações Etnicorraciais. Cotidiano Escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GARCIA, Regina Leite A difícil arte/ciência de pesquisar com o cotidiano. In _____ (Org) *Método Métodos Contramétodo*. São Paulo: Cortez, 2003. Pág. 193-208

GOMES, Nilma Lino. *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão*. In _____ BRASIL. Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei federal nº 10.639/03. Brasília: MEC, 2005, p. 39-62

PAIS, José Machado. *Enigmas e revelações*, São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, Isabel Aparecida dos. A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: Alguns caminhos. In _____ *Racismo e anti - racismo na educação: Repensando a escola*. São Paulo: Summus, 2001.

SCHUCMAN Lia Vainer (2014). Branquitude e poder: Revisitando o medo branco no século XXI Revista ABPN v.6, n.13 p.134-147.